

O que Calvino realmente disse sobre o quarto mandamento?

Rev. Dr. Prof. Francis Nigel Lee

João Calvino de Genebra (1509-1564)... desferiu o golpe de morte para os dias de festa dos romanistas e deu grande ímpeto ao Decálogo e à observância do domingo. Muito uso tem sido feito pelos antinomistas anabatistas a respeito das cuidadosas afirmações de Calvino em suas *Institutas* de 1536 de que “foi bom deixar de lado o dia guardado pelos judeus” — mas pouco uso tem sido feito das afirmações igualmente cuidadosas que aparecem duas linhas depois na mesma sentença, de que “foi necessário estabelecer em seu lugar outro dia”.¹ Antinomistas têm enfatizado a afirmação verdadeira de Calvino contra os romanistas de que guardadores ferrenhos do domingo “insultam os judeus pela mudança do dia, e ainda atribuem a ele a mesma santidade” — mas ignoram sua afirmação, igualmente verdadeira (aparentemente contra os antinomistas!) que aparece seis linhas depois: “Tenhamos o cuidado, entretanto, de observar a doutrina geral... diligentemente comparecendo às nossas assembleias religiosas”.²

Anti-calvinistas desprezadores da lei *não* falharam em apreender a opinião correta do genebrino quando disse que “o sábado tenha sido revogado” — mas falharam em apreender com igual correção a opinião apresentada na seção seguinte, de que “algumas mentes levianas se agitam demais hoje em dia por causa do domingo. Queixam-se de que o povo cristão continua preso a um tipo de judaísmo, visto que ainda retém alguma observância de dias. A isso respondo que sem judaísmo observamos o domingo”.³ Essas “mentes levianas” *não* se furtam de citar fortes afirmações de Calvino de que “Cristo é o verdadeiro cumprimento do sábado” e que ele “não está contente com um dia, mas exige o curso inteiro de nossa vida” etc. — mas se furtam de afirmações igualmente fortes de que Deuteronômio 5 é “igualmente aplicável a nós como aos judeus” e que nos tempos apostólicos “os primeiros cristãos substituíram o sábado por aquilo que nós chamamos de Dia do Senhor”!⁴

¹ *Calvino*: “*Institutas*”, II: VIII:33.

² *Ibid.*, II: VIII:34

³ *Ibid.*, II: VIII:32, 33.

⁴ *Ibid.*, II: VIII:32, 34.

Contudo, talvez ainda mais importante do que suas visões nas Institutas de 1536 — escritas em seus tenros 26 anos de idade — são as afirmações posteriores de Calvino sobre a questão do sábado, sobre as quais os antinomistas mantêm o mais profundo silêncio. Em seu sermão em Deuteronomio 5, ele escreveu sobre “quando as janelas das nossas lojas estão fechadas no dia do Senhor, quando não andamos segundo a ordem comum e o costume dos homens.” Ele pergunta: “Se empregamos o Dia do Senhor para nos distrair, para nos exercitar, para ir a jogos e passatempos, Deus está sendo nisto honrado? Não é isto uma zombaria? Não é uma profanação de seu nome?”.⁵

Em 1550, de acordo com Beza, seu biógrafo, Calvino determinou “que não deveria haver qualquer outro dia de festa, exceto um em sete, que nós chamamos do Dia do Senhor”;⁶ e no ano de 1554, ele escreveu em seu *Comentário ao Gênesis* (2.1-3) que Deus “primeiro descansou, então abençoou este descanso que em todas as eras deveria ser sagrado entre os homens”. “Deus”, continua Calvino, “consagrou cada um dos sétimos dias de descanso” e que, “sendo ele [o *shabbath*] ordenado aos homens desde o princípio, para que o empreguem na adoração a Deus, é certo que deve continuar até ao fim do mundo”. “Além disso”, conclui, “deve-se notar que essa instituição tem sido dada não a um único século ou povo, mas a toda a raça humana”.⁷

Um ano antes de sua morte em 1564, Calvino claramente afirmou com respeito a Êxodo 20, em sua obra *Harmonia do Pentateuco*, que “temos a mesma necessidade de um dia de descanso que os antigos”; e acrescentou: “não é crível que a observância do dia de descanso tenha sido omitida quando Deus revelou o rito de sacrifício aos santos Pais, mas aquilo que na depravação da natureza humana estava completamente extinta entre as nações pagãs, e quase obsoleta entre a geração de Abraão, Deus renovou em sua lei”.⁸

Essas visões do grande genebrino foram propagadas e desenvolvidas por todos os seus seguidores que orgulhosamente chamavam-se por seu nome — os calvinistas.

Fonte: *The Covenantal Sabbath*⁹

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

⁵ A. A. Hodge: *op. cit.*, pp. 18-19.

⁶ Beza: *op. cit.*, I, p. xciii.

⁷ A. A. Hodge: *op. cit.*, pp. 17:8; Kuyper: “Tractaat” etc., pp. 165-166.

⁸ Calvino: “Harmony of the Pentateuch”, p. 437.

⁹ http://www.the-highway.com/Covsab_chap6c.html#944